

Obras do autor publicadas pela Companhia das Letras

2666

*Amuleto*

*Chamadas telefônicas*

*Os detetives selvagens*

*Estrela distante*

*Monsieur Pain*

*Noturno do Chile*

*A pista de gelo*

*Putas assassinas*

*O Terceiro Reich*

ROBERTO BOLAÑO

# Chamadas telefônicas

*Tradução*

Eduardo Brandão

## Enrique Martín

Para Enrique Vila-Matas

Um poeta pode suportar tudo. O que equivale a dizer que um homem pode suportar tudo. Mas não é verdade: são poucas as coisas que um homem pode suportar. Suportar mesmo. Um poeta, em compensação, pode suportar tudo. Com essa convicção crescemos. O primeiro enunciado é correto, mas conduz à ruína, à loucura, à morte.

Conheci Enrique Martín poucos meses depois de chegar a Barcelona. Tinha minha idade, havia nascido em 1953 e era poeta. Escrevia em castelhano e catalão, com resultados essencialmente idênticos mas formalmente diversos. Sua poesia em castelhano era voluntariosa e afetada, e em não poucas ocasiões tosca, carente de qualquer laivo de originalidade. Seu poeta preferido (nessa língua) era Miguel Hernández, um bom poeta que ignoro por que razão é tão apreciado pelos maus poetas (arrisco uma resposta que temo incompleta: Hernández fala da e partindo da dor, e os maus poetas costumam sofrer como animais de laboratório, sobretudo ao longo da sua dilatada juventude). Em catalão, porém, sua poesia falava de coisas reais e

cotidianas, e só seus amigos a conheciam (o que na realidade é um eufemismo: sua poesia em castelhano provavelmente *também* só era lida por nós, seus amigos, a única diferença, pelo menos no que se refere aos leitores, era que a poesia em castelhano era publicada por revistas de tiragem ínfima que desconfinou só nós examinávamos e às vezes nem mesmo nós, e as escritas em catalão ele lia para a gente nos bares ou quando visitava nossas casas). Mas o catalão de Enrique era ruim — como podiam os poemas ser bons sem o poeta dominar a língua em que os escrevia? Suponho que isso entra na rubrica mistérios da juventude. O caso é que Enrique não tinha a menor ideia dos rudimentos da gramática catalã e a verdade é que escrevia mal, tanto em castelhano como em catalão, mas eu ainda me lembro de alguns dos seus poemas com certa emoção à qual não é alheia a lembrança da minha própria juventude. Enrique *queria* ser poeta e nesse empenho punha toda a força e toda a vontade de que era capaz. Sua tenacidade (uma tenacidade cega e acrílica, como a dos maus pistoleiros dos filmes, aqueles que caem como moscas sob as balas do herói e que, no entanto, perseveram de forma suicida em seu empenho) no fim das contas o fazia simpático, aureolado por certa santidade literária que só os poetas jovens e as putas velhas sabem apreciar.

Naquela época eu tinha vinte e cinco anos e pensava que já tinha feito de tudo. Enrique, pelo contrário, queria fazer de tudo e se preparava à sua maneira para engolir o mundo. Seu primeiro passo foi lançar uma revista ou um fanzine de literatura que custeou com suas próprias economias, pois tinha uma poupança e um trabalho desde os quinze anos em não sei que obscura firma próxima do porto. Na última hora, os amigos de Enrique (e inclusive um ou outro amigo meu) decidiram não incluir meus poemas no primeiro número e isso, embora me pese reconhecer-lo, conturbou por um tempo nossa amizade. Segundo

Enrique, a culpa foi de outro chileno, um tipo que ele conhecia fazia muito, que sugeriu que dois chilenos no primeiro número de um fanzine de literatura espanhola era demais. Naqueles dias eu estava em Portugal e quando voltei optei por lavar as mãos. Nem a revista tinha nada a ver comigo nem eu tinha nada a ver com a revista. Não aceitei as explicações de Enrique, em parte por comodidade; em parte para satisfazer meu orgulho ferido, e me desinteresei pelo projeto.

Durante um tempo paramos de nos ver. Por gente que ambos conhecíamos e que eu costumava encontrar nos bares da Cidade Velha, nunca deixei de saber, de uma forma sucinta e casual, das suas últimas andanças. Soube assim que da revista (se chamava *Soga Blanca*, um título profético, \* mas me consta que não foi ideia dele) só saiu um número, que ele tentou montar uma peça de teatro num ateneu de Nou Barris e que foi posto para correr a lambadas de gorro depois da primeira apresentação, que planejava lançar outra revista.

Uma noite apareceu em casa. Trazia debaixo do braço uma pasta cheia de poemas e queria que eu os lesse. Fomos jantar num restaurante da rua Costà e depois, enquanto tomava café, li alguns. Enrique esperava minha opinião com um misto de autossatisfação e medo. Compreendi que se eu lhe dissesse que eram ruins nunca mais tornaria a vê-lo, além de me arriscar a uma discussão que podia se prolongar até altas horas da noite. Disse que me pareciam bem escritos. Não mostrei excessivo entusiasmo, mas procurei não insinuar a mais ínfima crítica. Disse até que achava bom um deles, um à maneira de León Felipe, um poema que falava de saudades das terras da Extremadura onde ele nunca havia vivido. Não sei se acreditou. Ele sabia que eu lia Sanguinetti então e que seguia (embora ecleticamente) os ensinamentos do italiano sobre poesia moderna e que portanto não podia gostar de seus versos sobre a Extremadura. Mas fez como se acreditasse em mim, como se tivesse ficado contente por eu tê-los lido, e depois, sintomaticamente, pôs-se a falar da sua revista morta no número 1 e foi aí que eu me dei conta de que não acreditava em mim, mas sobre isso se calava.

Foi só. Conversamos mais um pouco, sobre Sanguinetti e Frank O'Hara (ainda gosto de Frank O'Hara, Sanguinetti faz tempo que não leio), sobre a nova revista que ele pensava lançar e para a qual não me pediu poemas, e depois nos despedimos na rua, perto de casa. Passaram-se um ou dois anos até eu tornar a vê-lo.

Na época, eu vivia com uma mexicana e nossa relação ameaçava acabar com ela, comigo, com os vizinhos, às vezes até com gente que se atrevia a nos visitar. Estes últimos, avisados, pararam de vir à nossa casa e por aqueles dias quase não víamos ninguém; éramos pobres (a mexicana, apesar de pertencer a uma família abastada do DF, se negava terminantemente a receber ajuda econômica desta); nossas brigas eram hométicas, uma nuvem ameaçadora parecia pairar permanentemente sobre nós.

Assim estavam as coisas quando Enrique Martín voltou a aparecer. Ao atravessar a porta com uma garrafa de vinho e um patê francês, tive a impressão de que não queria perder o último ato de uma das minhas piores crises vitais (na realidade eu me sentia bem, quem se sentia mal era minha amiga), mas depois, quando nos convidou pela primeira vez a jantar em sua casa, quando quis que conhecêssemos sua companhia, percebi que no pior dos casos Enrique não tinha vindo contemplar mas ser contemplado, e que no melhor dos casos ainda parecia sentir certa estima por mim. E sei que não apreciei esse gesto pelo que valia, sei que a princípio vi sua irrupção com desagrado e que

\* Corda Branca. (N. T.)

minha maneira de recebê-lo foi ou quis ser irônica, cínica, provavelmente apenas farta. A verdade é que naqueles dias eu não era uma boa companhia para ninguém. Isso todo mundo sabia e todo mundo me evitava ou fugia de mim. Mas Enrique queria me ver, a mim e à mexicana, vá saber por que obscuros motivos ela foi com a cara de Enrique e da sua companhia, e as visitas, os jantares se sucederam até um total de cinco, não mais.

Claro, quando reatamos nossa amizade, embora essa palavra seja excessiva, poucas eram as coisas em que não dissentíamos. Minha primeira surpresa foi conhecer sua casa (quando parei de vê-lo ele ainda morava com os pais e depois soube que dividu um apartamento com outros três sujeitos, um apartamento ao qual por um ou outro motivo eu nunca fui). Agora morava numa cobertura do bairro de Gracia, cheio de livros, discos, quadros, um apartamento amplo, talvez um pouco escuro, que sua companhia havia decorado com gosto camaleônico, mas no qual não faltavam certos detalhes curiosos, objetos trazidos das últimas viagens deles (Bulgária, Turquia, Israel, Egito) que às vezes iam além do suvenir de turista, da imitação. Minha segunda surpresa foi quando me disse que não escrevia mais poesia. Disse-o depois do jantar, na frente da mexicana e da sua companhia, se bem que na realidade a confissão era dirigida a mim (eu brincava com uma adaga árabe, enorme, com a lâmina lavrada em ambas as faces, suponho que de difícil uso prático), e quando o fitei seu rosto exibia um sorriso que queria dizer sou adulto, compreendi que para desfrutar da arte não é preciso se fazer de ridículo, não é preciso escrever nem se humilhar.

A mexicana (que era dinamite pura) se condeou da sua renúncia, obrigou-o a contar a história da revista em que não foi publicado, finalmente achou plausíveis e sensatas as razões que Enrique esgrimiu em defesa da sua renúncia e predisse um

retorno não muito tardio à literatura com as forças renovadas. A companhia de Enrique concordou noventa e nove por cento. As duas mulheres (porém, por motivos óbvios, muito mais a companhia de Enrique) pareciam achar decididamente mais poético que ele se dedicasse ao seu trabalho — tinha sido promovido, a promoção o levava às vezes a visitar Cartagena e Málaga por razões que não quis averiguar —, à sua coleção de discos, à sua casa e ao seu carro, do que desperdiçar as horas imitando León Felipe ou, no melhor dos casos (maneira de dizer), Sanguinetti. Não extimei nenhuma opinião e quando Enrique me perguntou diretamente o que eu pensava (meu Deus, como se fosse uma perda irreparável para a lírica espanhola ou catalã) respondi que qualquer coisa que ele fizesse seria boa. Não acreditou em mim.

A conversa, naquela noite ou numa das quatro que ainda nos restavam, se dirigiu para os filhos. Lógico: poesia-filhos. E lembro (disso sim eu me lembro com total clareza) que Enrique **que admitiu que gostaria de ter um filho, a experiência do filho foram suas palavras textuais, não sua mulher mas ele, quer dizer tê-lo nove meses dentro da barriga e pari-lo**. Lembro que quando ele disse isso fiquei gelado, a mexicana e sua companhia olharam para ele com ternura, e me pareceu ver, e foi isso que me deixou gelado, o que anos depois, mas infelizmente não muitos anos depois, aconteceria. Quando a sensação passou, foi breve, apenas uma chispa, a afirmação de Enrique me pareceu uma boutade que nem merecia resposta. Claro, eles queriam ter filhos, eu, para variar, não; afinal dos quatro daquele jantar o único que tem filho sou eu, a vida não só é vulgar como também inexplicável.

Foi durante o último jantar, quando minha relação com a mexicana já estava nos minutos de prorrogação, que Enrique nos falou de uma revista para a qual colaborava. Pronto, pensei. Na hora se corrigiu: para a qual *colaboravam*. O plural teve a virtude

de me pôr de sobreaviso, mas logo compreendi: ele e sua companheira. Por uma vez (pela última vez) a mexicana e eu estivemos de acordo em alguma coisa e exigimos no ato ver a revista em questão. Era simplesmente uma das muitas que na época se vendiam nas bancas de jornal e cujos temas iam dos óvnis aos fantasmas, passando pelas aparições marianas, as culturas pré-colombianas desconhecidas, os acontecimentos paranormais. Chamava-se *Preguntas & Respuestas* e creio que ainda é vendida. Perguntei, perguntamos, em que consistia exatamente o que eles faziam. Enrique (sua companheira quase não falou durante o último jantar) nos explicou: iam, nos fins de semana, a lugares em que se produziam avistamentos (de discos voadores), entrevistavam as pessoas que os haviam visto, examinavam a zona, procuravam cavernas (naquela noite Enrique afirmou que muitas montanhas da Catalunha e do resto da Espanha estavam ocas), passavam a noite em vigília metidos em sacos de dormir e com a câmara fotográfica ao lado, às vezes iam os dois sozinhos, na maioria das vezes em grupo, quatro, seis pessoas, noites agradáveis ao ar livre, quando tudo acabava preparavam um relatório e parte dele (para quem mandavam o relatório completo?) era publicada, com as fotos, em *Preguntas & Respuestas*.

Naquela noite, depois do jantar, li uns artigos que Enrique e sua companheira assinavam. Eram mal redigidos, toscos, pretensamente científicos, pelo menos a palavra ciência aparecia várias vezes, eram insuportavelmente arrogantes. Quis saber minha opinião sobre eles. Eu me dei conta, pela primeira vez, de que não estavam nem aí para minha opinião e pela primeira vez fui franco e sincero. Sugeri mudanças, disse que devia aprender a escrever, perguntei se na revista tinham revisor de estilo.

Ao sair da casa deles, a mexicana e eu não paramos de rir. Naquela mesma semana, creio, nos separamos. Ela foi para Roma. Eu ainda permaneci mais um ano em Barcelona.

Por muito tempo não soube nada de Enrique. Na verdade, acho que me esqueci dele. Por então eu vivia nos arredores de um vilarejo de Girona com a única companhia de uma cadela e de cinco gatos, quase não via nenhum dos meus antigos conhecidos embora de vez em quando um ou outro aparecesse em casa, em nenhum caso mais de dois dias e uma noite, e com essa pessoa, quem quer que fosse, costumava falar dos amigos de Barcelona, dos amigos do México, e em nenhuma ocasião que eu me lembre Enrique Martín foi mencionado. Eu só ia ao vilarejo uma vez por dia, acompanhado de minha cadela, para comprar comida e olhar minha caixa postal, onde costumava encontrar cartas da minha irmã que me escrevia de um México DF que eu já não podia reconhecer. As outras cartas, muito espaçadas, eram de poetas sul-americanos perdidos na América do Sul com os quais eu mantinha uma correspondência irregular, entre abrupta e dolorosa, fiel reflexo de nós mesmos que começávamos a deixar de ser jovens, a aceitar o fim dos sonhos.

Um dia, no entanto, recebi uma carta diferente. Na realidade, não era propriamente uma carta. Em duas folhas de cartão, dois convites para uma espécie de coquetel que uma editora de Barcelona ofereceu durante o lançamento do meu primeiro romance, coquetel em que não estive presente, alguém havia desenhado uns planos um tanto rudimentares e neles havia escrito as seguintes cifras:

3860 + 429777 – 469993? + 51179 –  
588904 + 966 – 39146 + 498207856

A carta, é claro, não trazia assinatura. Evidentemente, meu anônimo correspondente havia comparcido ao lançamento do meu livro. É óbvio que não tentei decifrar as cifras: estava claro que era uma frase de oito palavras, certamente seu autor era um

dos meus amigos. O caso não revestia maior mistério, exceto, talvez, pelos desenhos. Eles representavam um caminho ondulado, uma casa com uma árvore, um rio que se bifurcava, uma ponte, uma montanha ou um morro, uma caverna. Num lado, uma rosa dos ventos primitiva indicava o norte e o sul. À beira do caminho, na direção contrária à da montanha (decidi finalmente que devia ser uma montanha) e da caverna, uma flecha indicava o nome de um vilarejo de Ampurdán.

Naquela noite, já em casa, enquanto preparava o jantar, soube de repente sem nenhuma dúvida que a carta era de Enrique Martín. Imaginei-o no coquetel da editora, falando com alguns dos meus amigos (um deles deve ter lhe dado o número da minha caixa postal), criticando acerbamente meu livro, indo de um lado para o outro com um copo de vinho na mão, cumprimentando todo mundo, perguntando em voz alta se eu ia ou não ia aparecer. Creio que senti algo parecido com o desprezo. Creio que me lembrei da minha já remota exclusão da *Soga Blanca*.

Uma semana depois tornei a receber outra carta anônima. Novamente o cartão utilizado era um convite para o lançamento do meu livro (deve ter pegado vários no coquetel), mas desta vez descobri algumas variantes. Sob meu nome ele havia transcrito um verso de Miguel Hernández que fala da felicidade e do trabalho. No dorso, com as mesmas cifras da primeira, o mapa experimentava uma mudança radical. À princípio pensei que não queria dizer nada, as linhas eram confusas, às vezes um mero entrecruzamento de riscos e reticências, sinais de exclamação, desenhos borrados ou superpostos. Depois de observá-lo pela enésima vez e comparar com o enviado anteriormente, compreendi o que era óbvio: o novo mapa era a profundação do mapa antigo, o novo mapa era o mapa da caverna.

Lembro que pensei que já não tínhamos idade para essas brincadeiras, uma tarde folhiei na banca, sem chegar a comprar,

a revista *Preguntas & Respuestas*. Não vi o nome de Enrique entre os colaboradores. Em poucos dias tornei a me esquecer dele e das suas cartas.

Creio que passaram vários meses, talvez três, talvez quatro. Uma noite ouvi o barulho de um carro que parava em frente da minha casa. Pensei que devia se tratar de alguém que havia se perdido. Saí com a cadela para ver quem era. O carro estava parado junto de umas moitas, com o motor ligado e as luzes acesas. Durante um instante não aconteceu nada. De onde eu estava não podia ver quantos ocupantes tinha o carro, mas não fiquei com medo, com minha cadela ao lado quase nunca ficava com medo. A cadela, por sua vez, rosnavava, ansiosa para se precipitar sobre os desconhecidos. Então as luzes se apagaram, o motor se desligou e o único ocupante do carro abriu a porta e me cumprimentou com palavras carinhosas. Era Enrique Martín. Temo que meu cumprimento tenha sido um tanto frio. A primeira coisa que me perguntou foi se eu tinha recebido suas cartas. Disse que sim. Ninguém mexeu nos envelopes? Os envelopes estavam bem fechados? Respondi afirmativamente e perguntei o que estava acontecendo. Problemas, disse, olhando para as luzes do vilarejo às suas costas e para a curva atrás da qual estava a pedreira. Vamos entrar, falei, mas ele não se mexeu de onde estava. O que é aquilo?, perguntou, apontando para as luzes e o barulho da pedreira. Disse o que era e expliquei que pelo menos uma vez por ano, não sei por que razão, trabalhavam até depois da meia-noite. Estranho, disse Enrique. Tornei a insistir em que entrássemos, mas ele não me ouviu ou se fez de desentendido. Não quero incomodar, disse, depois de ser farejado pela cadela. Entre, vamos tomar alguma coisa, falei. Não bebo álcool, disse Enrique. Estive no lançamento do seu romance, acrescentou, achei que você ia. Não, não fui, disse eu. Pensei que agora Enrique começaria a criticar meu livro. Queria que você guardasse

uma coisa para mim, disse. Só então me dei conta de que na mão direita ele levava um pacote, folhas de tamanho ofício, sua volta à poesia, pensei. Pareceu adivinhar meu pensamento. Não são poemas, disse com um sorriso desarmado e ao mesmo tempo corajoso, um sorriso que eu certamente não via há muitos anos, não em seu rosto, pelo menos. O que é?, perguntei. Nada, coisas minhas, não quero que você leia, só quero que guarde para mim. Está bem, vamos entrar, disse. Não, não quero incomodar, além do mais não tenho tempo, preciso ir embora já. Como soube onde eu morava?, perguntei. Enrique pronunciou o nome de um amigo comum, o chileno que havia decidido que dois chilenos eram demais para o primeiro número de *Soga Blanca*. Como esse puto se atreve a dar meu endereço a alguém, falei. Vocês não são mais amigos?, perguntou Enrique. Suponho que sim, respondi, mas não nos vemos muito. Pois eu fiquei contente com que ele tenha me dado, gostei muito de te ver, disse Enrique. Eu devia ter dito: eu também, mas não disse nada. Bem, vou embora, disse Enrique. Nesse momento começaram a soar uns barulhos muito fortes, como de explosões, provenientes da pedreira que o deixaram nervoso. Acalmei-o, não é nada, disse, mas na realidade era a primeira vez que eu ouvia as explosões naquelas horas da noite. Bem, vou embora, falou. Cuide-se, disse eu. Posso te dar um abraço?, disse. Claro que sim, disse eu. O cachorro não vai me morder? É uma cadela, disse eu, não vai te morder.

Por dois anos, o tempo que me restava morar naquela casa dos arredores, mantive o pacote de papéis intacto, tal como Enrique havia me confiado, amarrado com barbante e fita adesiva, entre as revistas velhas e entre meus próprios papéis que, não é demais dizer, cresceram desafortadamente durante esse tempo. As únicas notícias que tive de Enrique me foram dadas pelo chileno da *Soga Blanca*, com o qual conversei sobre a revista e sobre

aqueles anos, esclarecendo de passagem o papel desempenhado por ele na exclusão dos meus poemas, nenhum, foi o que ele me afirmou, foi o que deduzi, se bem que àquela altura já não tinha importância. Soube por ele que Enrique tinha uma livraria no bairro de Gracia, perto daquele apartamento que anos atrás, em companhia da mexicana, eu havia visitado cinco vezes. Por ele soube que estava separado, que não colaborava mais para *Preguntas & Respuestas*, que sua ex-mulher trabalhava com ele na livraria. Mas já não viviam juntos, ele me disse, eram amigos, Enrique lhe dava esse trabalho porque ela estava desempregada. E a livraria vai bem?, perguntei. Muito bem, disse o chileno, ao que parece havia saído da empresa em que trabalhava desde adolescente e a indenização foi substancial. Mora lá mesmo, disse. Nos fundos da livraria, em dois cômodos não muito grandes. Os cômodos, eu soube depois, davam para um quintalzinho interno em que Enrique cultivava gerânios, ficus, miosótis, açucenas. As duas únicas portas eram as da livraria, sobre a qual todas as noites baixava uma porta de enrolar que fechava à chave, e uma porta pequena que dava para o corredor do edifício. Não quis perguntar o endereço. Tampouco perguntei se Enrique escrevia ou não escrevia. Pouco depois recebi uma carta deste, assinada, onde me dizia que estivera em Madri (creio que escreveu a carta em Madri, já não estou certo), no famoso Congresso Mundial de Escritores de Ficção Científica. Não, ele não escrevia ficção científica (creio que empregou o termo *s-f*), mas estava lá como enviado de *Preguntas & Respuestas*. O resto da carta era confuso. Falava de um escritor francês cujo nome não me dizia nada, que afirmava que os extraterrestres éramos todos nós, quer dizer, todos os seres vivos no planeta Terra, seres exilados, dizia Enrique, ou desterrados. Depois falava do caminho seguido pelo escritor francês para chegar a tão descabelada conclusão. Essa parte era ininteligível. Mencionava a *polícia da mente*, fazia con-

jecturas acerca de *túneis tridimensionais*, atrapalhava-se todo como se estivesse, outra vez, escrevendo um poema. A carta terminava com uma frase enigmática: *todos os que sabem se salvam*. Depois vinham os cumprimentos e lembranças de rigor. Foi a última vez que me escreveu.

A notícia seguinte que tive dele foi nosso amigo comum chileno que me proporcionou, de maneira casual, quero dizer sem estridências, numa das minhas cada vez mais frequentes idas a Barcelona, enquanto almoçávamos juntos.

Enrique tinha morrido fazia duas semanas, as coisas aconteceram mais ou menos assim: uma manhã chegou sua ex-companheira e agora funcionária da livraria e a encontrou fechada. Achou estranho, mas não muito porque às vezes Enrique costumava perder a hora. Para tais contingências ela tinha uma chave própria e com esta abriu a porta de enrolar primeiro e a porta de vidro da livraria depois. Em seguida se dirigiu aos fundos, à edícula, e lá encontrou Enrique, enforcado na viga do seu quarto. A funcionária e ex-companheira quase teve um ataque cardíaco com a impressão que sentiu, mas superou o choque, ligou para a polícia, fechou a livraria e ficou esperando sentada na calçada, chorando, supondo, até chegar a primeira viatura. Quando entrou de novo, ao contrário do que esperava, Enrique ainda estava pendurado na viga, os policiais lhe fizeram perguntas, notou então que as paredes do quarto estavam cheias de números, grandes e pequenos, grafitados com pincel atômico uns e com aerossol outros. Os policiais, ela lembrava, fotografaram os números (659983 + 779511 – 336922, coisas desse tipo, incompreensíveis) e o cadáver de Enrique que olhava do alto para eles sem nenhuma consideração. A funcionária e ex-companheira achou que os números eram dívidas acumuladas. Sim, Enrique estava endividado, não muito, não tanto para que alguém quisesse matá-lo, mas existiam dívidas. Os policiais perguntaram se

os números já estavam na parede na tarde anterior. Ela disse que não. Depois disse que não sabia. Achava que não. Não entrava fazia tempo naquele quarto.

Verificaram as portas. A que dava para o corredor do edifício estava trancada à chave por dentro. Não encontraram nenhum sinal que indicasse que alguma das portas tivesse sido arrombada. O único jogo de chaves que havia, à parte o da funcionária e ex-companheira, foi encontrado junto da caixa registradora. Quando o juiz chegou despenduraram o corpo de Enrique e levaram-no dali. A autópsia foi concludente, a morte havia sido quase no ato, um suicídio a mais dos muitos que ocorrem em Barcelona.

Por muitas noites, na solidão da minha casa de Ampurdán que logo abandonaria, fiquei pensando no suicídio de Enrique. Custava-me crer que o homem que queria ter um filho, que queria parir ele próprio um filho, tivesse a indelicadeza de permitir que sua funcionária e ex-companheira descobrisse seu corpo enforcado, nu?, vestido?, de pijama?, quem sabe balançando ainda no meio do quarto. Aquilo dos números já me parecia mais provável. Não me dava trabalho imaginar Enrique realizando suas criptografias a noite toda, desde as oito, quando fechou a livraria, até as quatro da manhã, boa hora para morrer. Levantei, claro, algumas hipóteses que talvez explicassem de alguma maneira sua morte. A primeira tinha relação direta com sua última carta, o suicídio como o bilhete de retorno para o planeta natal. A segunda contemplava o assassinato em duas versões. Mas ambas eram excessivas, desmedidas. Lembrei-me do nosso último encontro em frente à minha casa, seus nervos, a sensação de que alguém o perseguia, a sensação de que Enrique acreditava que alguém o perseguia.

Nas viagens seguintes a Barcelona cotejei minhas informações com outros amigos de Enrique, ninguém havia notado

nenhuma alteração significativa nele; a ninguém ele havia entregado planos feitos à mão nem pacotes fechados, o único ponto em que percebi contradições e lacunas foi no da sua atividade em *Preguntas & Respuestas*. Segundo alguns, fazia muito tempo que ele já não tinha nenhuma relação com a revista. Segundo outros, continuava colaborando de maneira regular.

Uma tarde em que eu não tinha nada que fazer, depois de resolver alguns assuntos em Barcelona, fui à redação de *Preguntas & Respuestas*. Atendeu-me o diretor. Se esperava encontrar alguém tenebroso, tive uma desilusão, o diretor parecia um vendedor de seguros, mais ou menos como todos os diretores de revistas. Disse a ele que Enrique Martín tinha morrido. Ele não sabia, pronunciou algumas palavras de pesar, esperou. Perguntei se Enrique colaborava regularmente para a revista e, como esperava, obtive uma resposta negativa. Lembrei-o do Congresso Mundial de Ficção Científica realizado não havia muito em Madri. Respondeu que sua revista não tinha enviado ninguém para cobrir o evento, eles, me explicou, não faziam ficção científica, mas jornalismo investigativo. Embora, acrescentou, gostasse muito de ficção científica. Então Enrique foi por conta própria, pensei em voz alta. Deve ter sido isso, disse o diretor, em todo caso para esta casa ele não trabalhava.

Antes que todo mundo o esquecesse, antes que seus amigos continuassem vivendo com Enrique já definitivamente morto, consegui o telefone da sua ex-companheira, ex-funcionária, e liguei para ela. Demorou para se lembrar de mim. Sou eu, disse, Arturo Belano, fui à sua casa cinco vezes, eu vivia então com uma mexicana. Ah, sim, disse ela. Depois permaneceu calada e pensei que havia alguma coisa com o telefone. Mas ela continuava na linha. Liguei para dizer que sinto muito o que aconteceu, falei. Enrique foi ao lançamento do seu livro, disse ela. Eu sei, eu sei, falei. Ele queria te ver, disse ela. Nós

nos vimos, falei. Não sei por que queria te ver, disse ela. Eu também gostaria de saber, falei. Bem, já está muito tarde, não?, disse ela. Parece, falei.

Ainda falamos mais um pouco, creio que de seus nervos em frangalhos, depois as moedas acabaram (eu ligava de Girona) e a comunicação foi cortada.

Meses depois deixei a casa. A cadela veio comigo. Os gatos ficaram com uns vizinhos. Na noite anterior à minha partida abri o pacote que Enrique me confiara. Esperava encontrar números e mapas, talvez o sinal que esclarecesse sua morte. Eram umas cinquenta folhas tamanho ofício, devidamente encadernadas. Em nenhuma delas encontrei planos nem mensagens cifradas, só poemas escritos à maneira de Miguel Hernández, alguns à maneira de León Felipe, à maneira de Blas de Otero e de Gabriel Celaya. Naquela noite não consegui dormir. Agora era minha vez de fugir.